

29-07-2024

# UM BAR DE HISTÓRIAS

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

## Repito! Repito! Repito!

Repito o que me impressiona: a simples presença do outro em nossa arena instaura, imediatamente, várias sensações, diversas emoções, algumas cristações, às vezes, desequilíbrios ou reabilitação surpreendente de memórias. Que digamos: a presença do outro altera o calor do ambiente, o hálito do momento, a luminosidade do instante. E pode ser alavanca para muitas potências – isso é magnífico! Com o outro há encontros invisíveis, trocas de energias sutis, jogos de afirmações, repugnações silenciosas, revoltas latentes. No encontro com Ele, há o que não se codifica, não se mapeia, o que nem pensava existir, mas age, vocifera. O encontro com o Outro está na vida. Na vida de todas. Na vida de todos. É a vida num jogo frenético de alteridades.

Essa obviedade – somos um Outro, esse Outro que é um pouco do que somos – parece pouco reconhecida pela consciência coletiva. Sem o Outro, seja ele – a mãe, o pai, a cultura, a sociedade – não existiríamos. Sem ele não é possível andar de ônibus, comer arroz, feijão, batata e bife no bar do João Frodico e de Dona Belatriz Artênia; jamais leríamos livros, escreveríamos bilhetes, ministrariamos palestras para um público esfomeado de símbolos. Ou entenderíamos com dona Clarice (Lispector) que sabemos pouco da vida – e isso dói. Sem o Outro, masculino, feminino, transgênero, não há parto, não há grito, não há dor – e sorrisos.

## Não há mundos.

O Outro é o fundamento de nossa existência, o motivo pelo qual nos fazemos em, por e nas relações diárias; é a longa ponte de uma travessia que não cessa; a causa de todas as tensões que, com frequência, nos atormenta – e nos mobiliza. Há, porém, um problema de ordem temporal: nos relacionamos sempre com Outro do passado. Nesse ponto, não custa revigorar uma antiga ideia: o passado de todas as pessoas é mal resolvido. Por isso, podemos até fazer a pergunta que, com humor, eu faço aos meus amigos e às minhas amigas: “*o que você quer ser no passado?*”.

Parece que, numa certa altura da vida, a prédica é válida a todos. Descobre-se a importância de visitar as relações e as situações do passado. É a memória amorosa da avó, a lição oriunda da moral do avô, as brincadeiras da infância, as primeiras experiências na escola, a primeira paixão, o primeiro beijo; e também o gol espetacular no campinho de terra; uma viagem de pescaria; a ida ao Mutirama (parque de diversão de Goiânia); o amor de tia

Valina, de tia Lentina, de tia Leni, e de tia Tereza; o cheiro da primeira cartilha que tinha na capa o desenho de uma criança feliz carregando um caderno; as dores provocadas pelo bullying; a timidez nas festas da escola; o ciúme de Helena do vestidinho vermelho... Descobre-se que sem visitar o passado não é possível se organizar, levantar a cabeça, potencializar a vontade de encontrar, criar e amar. Não é possível a arte, a literatura, a compreensão do lugar onde se pisa. Belchior dá a pista: “*ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro*”. Eis a síntese: só podemos encontrar o Outro com o nosso passado secreto e complexo. Só com Ele é possível ver, viver e vibrar. Mas nada é simples. Doutor Freud explicou que o material das marcas mnêmicas (relativo à memória) se reordena de tempo em tempo. A partir desse reordenamento formam-se novos nexos com o presente, daí que as lembranças e o próprio passado se alteram em correspondência com o presente. Não são poucos os que explicam que a lembrança do passado, a sua organização, a forma de narrá-lo e também os bloqueios, os paredões invisíveis que o destituem da memória, nunca se livram do palpite necessário e acrobático da imaginação. Igual à literatura, o passado é real e imaginativo. É uma espécie de invenção.

## Vejam só!

Um dia desses, estava em Copacabana com o meu amigo Fadel (Fadelíssimo). Na sua presença, o mundo me é feliz, azul e solar. Foi aí que lembramos um episódio de nossa adolescência. Certa vez ele pegou um “*bus*” na Praça Onze (RJ) e desceu para Trindade – GO. Ao chegar, deixou uma pequena mala de couro sobre a cama onde ia dormir. Comeu um pedaço de queijo com marmelada Santa Luzia, tomou água e estava pronto para sairmos.

Calçou um par de tênis preto com manchas horizontais em branco. E me acompanhou em direção ao campinho do Cabecinha.

Na segunda jogada, talvez zozzo pela viagem, bateu o nariz na cabeça de outro jogador, um tal Amorim. O melado desceu rápido como uma cachoeira soturna. O caso era grave. Na enfermaria do hospital, ao seu lado, cuidando de uma crise alcoólica, encontrava-se um poeta trindadense de nome Arlendo Mendanha.

Arlendo, poeta total e irremediável, para constranger a dor do nariz de Fadel, recitou-lhe, de sua própria lavra, poemas eróticos. Ali, naquela viagem e a partir daquele episódio, o futuro estava decidido: Fadelíssimo não seria engenheiro, o que constava em sua expectativa. Seria médico da Saúde do Trabalhador e poeta.

**A lição é breve e enxuta:  
o Outro com quem nos fazemos  
é um mar, ou melhor, um bar de histórias.**

♦ ♦ ♦

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*